

# **A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO E A VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM APANhado SOBRE A SITUAÇÃO DE ALGUMAS ESCOLAS**

GROSSI, F.C.D.P. – UFSJ

fedpossas@gmail.com

OLIVEIRA, M.C.S. – UFSJ

maxiomil@yahoo.com.br

PAIVA, P.H.A - UFSJ

apipep@yahoo.com

CHINELLATO, T.G. – UFSJ

tiagogiorgetti@hotmail.com

## **RESUMO**

Este trabalho pretende compreender o significado da expressão “violência escolar” na visão de alguns teóricos, apresentar resultados de levantamentos feitos por pesquisadores sobre o referido tema e mostrar em que medida teorias e pesquisas se assemelham com a situação na experiência de estágio supervisionado de alunos do curso de Matemática, da Universidade Federal de São João Del Rei, em duas escolas situadas na cidade na qual se localiza a universidade e em uma na cidade de Barroso, cidade próxima a São João Del Rei. Para isto, comparamos teorias ao relato de experiência dos alunos e foram procuradas relações de convergência e divergência entre teoria e prática. Percebendo quão presente e com qual intensidade a violência escolar está arraigada no cotidiano das salas de aula de matemática das referidas escolas, foram propostos caminhos para a diminuição de situações de violência escolar.

Palavras-chave: Violência escolar, ambiente escolar, indisciplina, estágio.

## **ABSTRACT**

This work pretends to understand the expression “school violence” in the opinions of some authors, to show conclusions in researches about school violence and to indicate how the theories and researches assimilate with the situation in the experience of mathematics’ students, of the Universidade Federal de São João del-Rei, in the stage, in two schools in the city of the university and in a one school in Barroso, near of São João del-Rei. For this, we compared theory with the description of the students and we search relations of convergence and divergence between theory and practice. Realizing how this and how hard school violence is rooted in everyday mathematics classrooms of these schools, paths have been proposed to reduce instances of school violence.

Keywords: School violence, School ambient, indiscipline, stage.

## **INTRODUÇÃO**

Em meio aos vários colapsos que permeiam a contemporaneidade, talvez uma das maiores e mais conhecidas crises seja a da educação. Muito se comenta – dentro e fora do ambiente escolar – sobre os labéus do meio educacional, porém em discussões, em sua maioria, informais e infundadas. Ademais, ao delimitar, nas ditas discussões, aspectos que caracterizam o momento crítico da educação, esse cenário não se altera. Entre estes aspectos que dão forma à crise do sistema escolar, a violência escolar destaca-se ocupando um espaço incômodo dentro e fora da sala de aula. Entre teóricos do meio educacional, foi feito um levantamento a fim de compreender o que caracteriza

a violência escolar e de obter dados sobre o tema num cenário abrangente, ao passo que, compreendendo as concepções sobre este fenômeno e tendo a noção das dimensões dele, comparamos com a experiência de estágio de alunos da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ) em duas escolas públicas da cidade na qual a sede da universidade se situa e em uma escola pública da cidade de Barroso, nas mediações de São João Del-Rei. Após esta etapa, tentamos compreender quão presente e com que intensidade a violência faz parte do cotidiano das escolas, principalmente durante as aulas de matemática. Desta forma, este trabalho se faz uma reflexão teórica acerca da violência escolar, compara a situação de forma mais abrangente e aponta rumos para lidar com este problema tão presente e molestandor na escola atualmente.

#### A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO POR UM GRADUANDO, NA CIDADE DE SÃO JOÃO DEL REI, REALIZADO NO ENSINO FUNDAMENTAL.

Durante o segundo semestre de 2009, iniciou-se mais uma turma da disciplina “Estágio supervisionado” do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), a qual tem por finalidade introduzir os alunos da graduação no ambiente escolar para, assim, observarem e lecionarem, na condição de estagiários, e, desta forma, obterem um primeiro contato com o ambiente escolar e suas diretrizes. O estágio na escola, em sua totalidade, teve a duração de um mês, sendo que as duas primeiras semanas foram de observações, com o intuito de relatar a experiência dos professores e suas atitudes perante a sala, bem como assimilar todas as informações, provindas da prática, úteis a ajudar posteriormente. As duas últimas semanas foram reservadas para a regência de turmas, para se fazer as experiências práticas de docência.

Com as duas primeiras semanas de estágio encerradas foi possível ressaltar alguns acontecimentos que chamaram atenção com relação à violência e indisciplina escolar. Observando as aulas de matemática do turno matutino, foi possível observar em uma das salas de aula que dois alunos estavam cometendo agressões verbais entre si, e, poucos minutos depois, essas agressões tornaram-se físicas, embora não em demasiado descontrole. Não se pôde afirmar que os alunos começaram essas atitudes de violência por desinteresse da matéria ou pelo seu conteúdo. O professor, por sua vez, também sofreu com atitudes de violência ao ser alvo do preconceito racial, pelo qual fora ofendido várias vezes, fato este que pode ser considerado uma atitude de *bullying* por parte dos alunos para com o professor (cf. MARTINS, 2005, p. 104). Isso deixou os estagiários perplexos pela atitude de total rebeldia do aluno que cometera tal ofensa, o

qual não se interessava pela aula e só queria perturbar os colegas. Foi constatado também outro tipo de *bullying*, que é tão comum em nosso ambiente escolar, onde um aluno sofreu ofensas pelas quais os demais estudantes salientavam suas características físicas e suas dificuldades de aprendizado, esse fato ocorreu por muitos dias.

Demonstrando grande descontrole emocional, em outra turma o professor, depois de estar altamente exaltado, puxou um aluno pelo braço, chamando-o de “incompetente” e “mal-educado” e o mandou sentar-se quieto na sua cadeira ameaçando-o levar para a diretora e o expulsar se continuasse a se comportar de maneira rebelde dentro da sala.

Em conversa com os alunos, estes demonstraram total falta de perspectiva em relação aos estudos. Quando inquiridos de “Por que a matemática não era levada tão a sério por eles?”, em pronta resposta um aluno disse: “Vou fazer concurso, e ser policial, não preciso aprender matemática”. Este é um fenômeno comum que pode ser observado na maioria das classes atualmente.

Passadas as semanas de observação, iniciou-se a fase prática da profissão docente. Porém o que não mudou entre as duas primeiras semanas e as duas últimas foram a indisciplina. Ou seja, o mesmo comportamento dos alunos, presenciado na aula do professor efetivo. Como em todas as quartas-feiras, no período noturno, discutia-se na universidade a respeito do estágio e dos acontecimentos que foram vivenciados e relatados. Logo, a orientadora de estágio se dispôs a ir numa das aulas na escola e observar a reação dos alunos. Ao sair, ficou abismada com a falta de respeito demonstrada pelos estudantes. Durante as aulas conduzidas pelos estagiários, também ocorreram casos de agressões verbais com os professores, sem contar os ataques físicos que ocorriam entre alunos e os casos de *bullying*.

Através de todos esses acontecimentos presenciados durante o estágio, a impressão que ficou não foi das melhores. Ficou claro que a indisciplina e a violência escolar fazem parte do nosso dia-a-dia e muitos alunos se sentem forçados a frequentar a sala de aula fazendo disso obrigação das mais enfadonhas possíveis. Contudo ainda há muitos alunos interessados em estudar e se tornar grandes cidadãos e excelentes profissionais.

A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO POR UMA GRADUANDA NA CIDADE DE BARROSO.

O estágio em matemática aconteceu no segundo semestre de 2009. O relato aconteceu em uma escola pública da cidade de Barroso, próxima a São João Del Rei - cidade onde a graduanda reside. As etapas do estágio e seus respectivos objetivos foram que algumas aulas deveriam ser assistidas e analisadas; outras deveriam ser regidas.

Fatos, gestos, atitudes, palavras, comportamentos, foram observados e em todos eles a indisciplina e a violência se destacaram como tensões durante as aulas do professor de matemática. As brigas, os xingamentos e os palavrões tornaram-se corriqueiros e, todo mundo queria praticar: tanto mestres quanto aprendizes. Em uma das salas, uma menina se levantou e começou a bater o apagador no quadro negro mesmo com o professor resolvendo exercícios e utilizando o quadro para esta atividade. Nenhuma repreensão foi feita. Em outra situação, os alunos disseram que não estavam “afim” de estudar MMC (Mínimo Múltiplo Comum) porque não sabiam em que momento do seu dia a dia o usariam, então começaram a gritar e a falar alto até que o sinal, avisando que era hora do intervalo, tocasse. “Esses alunos são burros demais!”, “Vocês deveriam trabalhar de espantalhos, porque estudando não vão conseguir nada na vida”, “Esses alunos são a nata do bagaço da escola”, são expressões muito comuns no linguajar do professor de matemática, palavras essas impressionantes, quando se pensa na real função do professor dentro da sala e de não ser apenas um mero transmissor de conteúdos estritamente matemáticos, mas um educador matemático de crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Infelizmente, casos de *bullying* foram presenciados. Apelidos constrangedores como “pobre”, “baleia”, “macaco” foram falados em diferentes situações. Alguns alunos se sentiram intimidados e temerosos, outros ficam semanas sem ir à aula por medo de enfrentar zombarias e críticas. O desinteresse era exorbitante, principalmente quando os alunos não conseguiam transferir o que aprenderam para o seu cotidiano. Assim, achavam que a melhor opção, até dar o sinal, era brincar no celular, ouvir música, atrapalhar o professor durante a explicação, atrapalhar os colegas que querem aprender, entrar e sair da sala, zombar dos colegas e até da direção escolar. Nessa escola existem vários casos de ocorrência, inclusive policial. Um professor de matemática, estressado, saiu da sala e um aluno disse o seguinte: “Professor um beijo na sua nádega!”, esse professor, se sentindo ofendido, ligou para a polícia, foi para a delegacia de camburão e fez ocorrência.

Durante a regência foi presenciada agressões não apenas verbais, mas físicas, na qual dois alunos brigaram até se machucarem, trazendo um grande choque para quem

nunca entrou em uma sala de aula como professor. Em outro caso, um rapaz de dezessete anos começou a cantar e a falar mal da matemática, ele fez o seguinte questionamento: “por que eu tenho que estudar expressão algébrica se o que dá dinheiro é ser traficante?” Não importando a escola ou a cidade, o problema é geral e, segundo alunos como este último, se a matemática não é importante, por que não fazer bagunça, arruaçar na sala e agredir as pessoas? Quem sabe não tiram a matemática do currículo? São aforismos defendidos e desencadeadores da indisciplina e da violência escolar.

### A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO POR UM GRADUANDO NA CIDADE DE SÃO JOÃO DEL REI, REALIZADO NO ENSINO MÉDIO.

Ao realizar o estágio no Ensino Médio de uma escola da rede Pública de Ensino de São João Del Rei, esperava trabalhar com alunos maduros e com uma visão ampla do uso da matemática em seu dia a dia ou com a ambição de vestibulares e concursos, o que foi uma visão equivocada, pois observei turmas desanimadas, turmas que achavam melhor dormir dentro de sala ao ouvir o professor explicar matéria e onde muitos ainda diziam “eu não preciso disso pra nada, eu já trabalho”. Situações como essas eram freqüentes, durante uma aula. Observei que em uma sala de 26 alunos, chegaram a ter 8 alunos dormindo durante a aula, mostrando o total desinteresse pelas aulas de matemática.

O problema poderia ainda ser maior do que pensava, pois, além de muitos alunos dormirem em sala, os outros que estavam acordados ou não prestavam atenção na aula, ou conversavam entre si ou, pior, estavam fazendo outra atividade não relacionada ao conteúdo matemático da aula.

Durante os dias de observação do estágio percebi que os professores não se importavam em ter muitos alunos dormindo durante as aulas. Ao perguntar a um dos professores ele me respondeu que “é melhor que eles estejam dormindo do que atrapalhando a aula” ou “eles não querem aprender então não podemos obrigar” houve professores que chegaram a relatar que já pediram aos alunos que dormissem dentro de sala e não atrapalhassem a aula.

Mas o que já parecia absurdo tendia a piorar, pois o dia em que esses alunos não dormiam dentro da sala, resolviam atrapalhar a aula, o que tornava quase impossível lecionar o conteúdo programado, pois eles conversavam entre si, discutiam e até ofendiam colegas com insultos e palavrões, alguns deles até envolvendo racismo. Os casos de *bullying* surgiam e a cada dia se tornavam piores porque, durante algumas

aulas, os alunos insultavam até o professor e o ofendiam com palavras preconceituosas, o que me deixava um tanto quanto incomodado com aquela situação por presenciar o professor discutir com alunos, chegando a casos extremos de o professor dar suspensão e a aluna se recusar a sair da sala, tendo então que solicitar à direção acompanhar a aluna até a diretoria.

Quando começaram as regências, preparei aulas lúdicas para aplicar em cada turma, tentando mostrar aos alunos o quão interessante poderia se tornar a aula de matemática, o que não aconteceu da forma planejada, pois muitos alunos se recusaram a participar da atividade e alguns chegaram a falar que como era um estagiário que estava ministrando a aula, os alunos poderiam quebrar a sala pelo fato de que, de qualquer forma, não poderiam ser punidos. Atitudes como essas eram freqüentes, o que tornava insustentável e desanimador preparar uma aula com um conteúdo prático e lúdico. Portanto percebi um desânimo geral por parte de alunos e professores, os quais já estão cansados e despreparados emocionalmente para lidar com tais situações, o que gera um bloqueio ainda maior por parte dos alunos em relação à matemática.

## PANORAMA TEÓRICO E ESTATÍSTICO

Compreendendo violência escolar como um fenômeno que é parte de um outro mais abrangente, o qual caracteriza também outras situações do meio escolar, Silva (2004) deixa claro que “dentre as formas de *indisciplina*, a mais preocupante é a violência escolar”. (SILVA, 2004, p. 21) e Martins (2005), num trabalho onde um dos propósitos era definir a expressão “violência escolar”, afirma que: “(...) a expressão 'violência escolar' deveria limitar-se às situações mais graves de conduta anti-social que infligem danos contra pessoas e que ocorrem no contexto escolar.” (Martins, 2005, p. 110)

Ao abordar exatamente a questão da violência na escola, Charlot (2002), a subdivide em três formas: a violência *na* escola, *à* escola e *da* escola. A primeira é se faz dentro da escola, porém nada há com relação à instituição; a segunda é praticada contra a própria escola; e a terceira é o resultado da uma violência institucional simbólica da instituição para com os alunos, de como os educadores os tratam (CHARLOT 2002, p. 434-435).

Nas várias manifestações da violência escolar, julgamos necessário mencionar o *bullying*. Acreditamos ser uma maneira de praticar violência escolar, pois, baseando-nos em Olweus (1991), o *bullying* ocorre quando “um aluno está a ser provocado/vitimado

quando ele ou ela está exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas da parte de uma ou mais pessoas” (OLWEUS, 1991, p. 413).

Tendo em vista os resultados apresentados por Marriel (2006), precisamos observar e nos reiterar de qual a função e importância da escola e da autoridade docente.

Guimarães (1996) defende uma idéia sobre violência e indisciplina escolar, ressaltando que a escola é protagonista de sua própria violência:

"A instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflitos, advindas do plano macroestrutural. É importante argumentar que, apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina"  
(GUIMARÃES 1996, p.77)

Visando reduzir a violência na esfera escolar, os Poderes Públicos das cidades de São Paulo e Belo Horizonte, adotaram algumas ações para diminuir a violência escolar mostrando que, ao ganhar a atenção pública, o tema da violência em meio escolar não pode mais passar despercebido pela política municipal e estadual (ver GONÇALVES & SPOSITO, 2002).

Em São Paulo, duas iniciativas advindas do Poder Público com objetivo de diminuir a violência escolar. Uma delas, em âmbito estadual e municipal, no caso da capital, tornou obrigatória, a abertura das escolas nos fins de semana para uso da população e comunidade escolar em atividades de lazer, cultura e esporte. Com essas atividades esportivas, culturais e de lazer reduziram-se os índices de violência na escola. Houve outros episódios ligados à indisciplina fora da sala de aula, ameaças de agressão, brigas entre alunos ou jovens moradores dos bairros resultaram em demandas de interferência da polícia na vida escolar. Contudo nos últimos anos, se alastrou a prática de registrar as ocorrências em delegacias policiais, e em alguns casos até a intervenção direta da polícia dentro das escolas.

Em Belo Horizonte, realizou-se uma parceria com a polícia. Em outubro de 1996, o 22º batalhão da PM propôs estratégias de proteção às escolas, circunscritas à sua área de ação, conclamando diretores, professores, alunos e comunidades para participar da implantação de um Programa que ficou conhecido como "Anjos da Escola". Seu principal objetivo era proteger as escolas tendo como uma percepção de que a segurança é um dos itens necessários para que se desenvolvam ações educativas na escola.

Para finalizar, em outra pesquisa, Gonçalves & Sposito (2002) pesquisando entre 759 estabelecimentos de ensino públicos e privados que acolhiam, na ocasião, 725.999 estudantes revelou que o maior número de ocorrências envolvendo violência na escola registra-se no período diurno, e os problemas mais recorrentes foram o uso de drogas, depredações e pichações, ameaças de gangues, arrombamentos e furtos a alunos.

## UMA COMPARAÇÃO ENTRE REALIDADE E TEORIA

Feitos e organizados os levantamentos, procuramos relações entre as experiências de estágio relatadas neste trabalho e a literatura especializada da área. Movimento este que Martins & Bicudo (1989) chamam de “análise nomotética”, pois consiste na procura de relações de convergência, divergência, neste caso, entre o relato da experiência e a discussão teórica do assunto. O que apresentamos abaixo são as relações percebidas de forma a comparar teoria e realidade, auxiliando na reflexão sobre o tema central deste trabalho.

Comparando a realidade com as teorias aqui discutidas e apresentadas, é perceptível que não há muita diferença do que vivenciamos no dia-a-dia. O *bullying* se faz presente nos dois âmbitos, onde alunos e professores abusam deste tipo de violência e acarretam grande desconforto às vítimas.

Outro ponto relatado e constatado deve-se à escola produzir sua própria violência e indisciplina, na qual o professor utiliza de uma violência física para com os alunos, ameaçá-los com punições severas e até mesmo com atitudes de indisciplina, quando ofende o aluno com palavras de desânimo e molesto. Essa atitude docente gera uma reação cíclica, na qual o aluno irá querer revidar a violência sofrida.

De acordo com a pesquisa realizada por Marriel (2006), alunos com baixa auto-estima têm maior dificuldade em se relacionar com professores e amigos, serem humilhados e desencorajados por seus colegas. Isso não ficou evidente durante o tempo de estágio realizado na escola, onde a estima do aluno, não ficou em pauta em momento algum.

Em uma das escolas a polícia precisou ser acionada, para resolver assuntos relacionados à indisciplina. Semelhantemente, escolas de Belo Horizonte, tiveram constantes intervenções de policiais para resolver assuntos relacionados à violência escolar, contudo, sob outra perspectiva. Enquanto a polícia, em Belo Horizonte, auxiliou na prevenção da violência escolar, na escola de Barroso o que ocorreu foi uma denúncia de um professor contra um aluno, que gerou uma ocorrência policial. Podemos



nos perguntar se, após um trabalho à longo prazo de conscientização, essa situação poderia ter sido evitada.

A violência escolar, observada durante os dias de estágio, manifestou nos alunos atitudes tidas como indisciplinadas, assim como cita Silva (2004), mas tais atitudes não acarretaram violências de graus maiores como as observadas na pesquisa onde alunos fizeram uso de drogas, depredações e pichações, arrombamentos e furtos certamente pela localização das duas cidades nas quais as escolas estavam situadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises comparativas feitas, é perceptível que, em certos pontos, a realidade observada se aproxima da teoria e, em outros pontos, a realidade não é tão grave quanto o que nos mostram as pesquisas. Se, por um lado, há violência nas escolas nas quais foram feitas as atividades de estágio, essas violências se apresentam de uma maneira não tão grave. Um tipo de violência que é controlável, porém que merece igual atenção às outras para que, daí, não se passe a níveis maiores. As manifestações encontradas condizem com a concepção de Silva (2004), ou seja, que a violência é uma manifestação de indisciplina, ao passo que, em relação ao que diz Martins (2005) – que o conceito de violência somente deveria ser usado para situações mais graves no ambiente escolar, as atitudes presenciadas estão longe de caracterizar as de violência escolar. O *bullying* é um caso à parte, o qual merece uma atenção maior.

Ademais, é perceptível que, tomando a violência escolar como manifestação de indisciplina, ela ocorre como um todo no ambiente da sala de aula. Atos hostis, ofensivos (*bullying*) ou indisciplinados ocorrem nos sentidos aluno-professor, professor-aluno e aluno-aluno. Com apoio em Guimarães (1996) e Charlot (2002), é possível perceber que a sala de aula como um todo precisa reconhecer e assumir a violência vinda dela mesma. Desta forma, ela própria teria condições de resolver um problema que pertence a ela, uma vez que, se o problema é apontado como oriundo de fatores externos, a resolução deste não pode ser encontrada internamente. Reconhecendo o problema como algo intrínseco ao meio, é possível dialogar e buscar formas para resolvê-lo.

Portanto, é possível perceber que, mesmo com os entraves presentes no ambiente das salas de aula e, logo, na escola, é possível reverter esse quadro, posto que o problema se manifesta em pequenas proporções, se comparado aos problemas mais graves de violência escolar no cenário nacional mostrado pelas pesquisas e pela mídia.

Contudo, uma reflexão e um trabalho entre educadores, alunos, pais e sociedade é indispensável para suprir esse problema. Com o engajamento de todos com o ambiente escolar será possível conviver em um local menos violento e, conseqüentemente, mais prazeroso.

Ainda assim, este trabalho apresenta uma pequena contribuição ao tema, uma vez que o assunto é muito amplo. Desde já fica proposta a abertura do tema para posteriores discussões para que esse problema seja mais tratado no seu cerne a fim de compreendê-lo e, desta forma, colaborar para que a educação ganhe contornos mais eficazes, acessíveis e prazerosos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, J.G. **A violência escolar e a crise da autoridade docente**. Cad. CEDES vol.19 n.47 Campinas Dec. 1998
- CHARLOT, B. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologias, Porto Alegre, nº 8, jul/dez 2002.
- D'AMROSIO, U. **Educação Matemática**: da teoria à prática. Campinas, SP: Papirus, 2009. (Coleção Perspectivas em Educação Matemática)
- GONÇALVES, L.A.O.; SPOSITO, M.P. **Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil** Cad. Pesqui. no.115 São Paulo Mar. 2002
- GUIMARÃES, A.M. **Indisciplina e violência: ambigüidade dos conflitos na escola**. In: AQUINO, J.G. (org.). *Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.
- MARRIEL, L.C.; ASSIS, S.G.; AVANCI J.Q.; OLIVEIRA R.V.C. **Violência escolar e auto-estima de adolescentes** Cad. Pesqui. vol.36 no.127 São Paulo Jan./Apr. 2006
- MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, 1989.
- MARTINS, M. J. D. **O problema da violência escolar**: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. Revista Portuguesa de Educação, nº 18, 2005.
- OLWEUS, D. (1991). **Bully/victim problems among schoolchildren**: Basic facts and effects of a school based intervention program. In D. J. Pepler & K. H. Rubin (Eds.), *The development and treatment of childhood aggression*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- SILVA, N. P. **Ética, indisciplina & violência nas escolas**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.